



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação



Amanda Barbosa Nogueira da Silva

Biblioterapia, a cura da alma pela leitura: um estudo acerca de sua
aplicação, benefícios e atuação do bibliotecário

Rio de Janeiro
2013

Amanda Barbosa Nogueira da Silva

Biblioterapia, a cura da alma pela leitura: um estudo acerca de sua aplicação,
benefícios e atuação do bibliotecário

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Biblioteconomia e Gestão de
Unidades de Informação (CBG/ FACC), da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ), como requisito parcial para obtenção
do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Mariza Russo

Rio de Janeiro
2013

S586b Silva, Amanda Barbosa Nogueira da.

Biblioterapia, a cura da alma pela leitura: um estudo acerca de sua aplicação, benefícios e atuação do bibliotecário/ Amanda Barbosa Nogueira da Silva. – Rio de Janeiro, 2013.

35 f.

Orientador: Mariza Russo.

Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Biblioterapia. 2. Mediação de leitura. 3. Benefícios da leitura. 4. Projeto Biblioteca Viva em Hospitais. I. Russo, Mariza. II. Título.

CDD: 615.85

Biblioterapia, a cura da alma pela leitura: um estudo acerca de sua aplicação, benefícios e atuação do bibliotecário

Amanda Barbosa Nogueira da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/ FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: ___/___/_____

Professora Mariza Russo
Doutora em Engenharia de Produção
Orientadora

Professora Ana Senna
Mestre em Ciência da Informação
Professor convidado

Professor Sebastião Amoedo de Barros
Doutor em Comunicação
Professor convidado

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha família, especialmente meus pais, Cícero e Maria, que sempre me deram força, coragem e constante apoio para seguir em busca de meus objetivos.

Agradecimentos

A Deus.

Aos meus pais, pelo apoio, confiança, respeito e dedicação.

Aos meus amigos da turma Biguis 2009.

À minha orientadora pelo apoio, paciência, carinho e auxílio na elaboração deste trabalho.

Aos professores do CBG, que contribuíram para minha formação acadêmica e meu crescimento pessoal e profissional.

A leitura de um bom livro é um diálogo incessante em que o livro fala e a alma responde.

André Maurois

Um livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive.

Padre Antônio Vieira

Resumo

SILVA, Amanda Barbosa Nogueira da. **Biblioterapia, a cura da alma pela leitura: um estudo acerca de sua aplicação, benefícios e atuação do bibliotecário.** 2013. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

O presente trabalho teve como objetivo oferecer um referencial teórico acerca da biblioterapia aos estudantes de Biblioteconomia e bibliotecários que tenham o desejo de trabalhar com a função terapêutica da leitura. Pretendeu-se abordar a biblioterapia, desde seus primeiros relatos, suas implicações na vida de quem recebe este tipo de terapia complementar e a atuação do profissional bibliotecário como terapeuta. Seu objetivo geral foi apresentar uma revisão de literatura acerca da biblioterapia, abordando a atuação do profissional bibliotecário, bem como discutir os seus benefícios, assim como os da leitura. Como objetivos específicos, pretendeu-se definir biblioterapia por meio de um breve histórico à luz de diversos autores da área de Biblioteconomia, Psicologia, Pedagogia, entre outros; mostrar a sua aplicação e a atuação do bibliotecário que faz uso da leitura e do lúdico como subsídios para desenvolver suas tarefas; identificar os benefícios que a biblioterapia exerce sobre os pacientes; e demonstrar, por meio da observação não participante e de relatos dos envolvidos, que o projeto Biblioteca Viva em Hospitais alcança os mesmos benefícios esperados pela biblioterapia. Apesar de ter sido firmada há muito tempo atrás como um campo de pesquisa, a biblioterapia ainda é uma prática carente de estudos e pouco conhecida no Brasil. O presente trabalho utilizou-se da pesquisa bibliográfica, bem como da pesquisa de campo, que teve como laboratório o projeto Biblioteca Viva em Hospitais, aplicado no Hospital de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com isto, foi possível notar benefícios biblioterapêuticos no projeto Biblioteca Viva aplicado no IPPMG, uma vez que os depoimentos relatam que a leitura mediada reduz o nível de estresse, ansiedade e até mesmo as preocupações das crianças e adolescentes internados, passando por tratamento ou apenas consultas.

Palavras-chave: Biblioterapia. Mediação de leitura. Benefícios da leitura. Projeto Biblioteca Viva em Hospitais.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	OBJETIVOS	10
1.1.1	Objetivo geral	10
1.1.2	Objetivos específicos	10
1.2	JUSTIFICATIVA	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	LEITURA	12
2.1.1	Mediação de leitura	13
2.1.2	Leitura como atividade lúdica	14
2.2	BIBLIOTERAPIA	15
2.3	BENEFÍCIOS DA BIBLIOTERAPIA E DA LEITURA	18
2.3.1	Aplicações da biblioterapia	20
2.3.2	Atuação do bibliotecário	21
3	METODOLOGIA	23
4	PROJETO BIBLIOTECA VIVA DO HOSPITAL DE PUERICULTURA E PEDIATRIA MARTAGÃO GESTEIRA	24
5	RESULTADOS	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo oferecer um referencial teórico acerca da biblioterapia aos estudantes de Biblioteconomia e bibliotecários que tenham o desejo de trabalhar com a função terapêutica da leitura.

Pretende-se abordar a biblioterapia, desde seus primeiros relatos, suas implicações na vida de quem recebe este tipo de terapia complementar e a atuação do profissional bibliotecário como terapeuta.

O interesse por tal temática surgiu, ainda no primeiro período da graduação, após o curso de uma matéria optativa denominada Mediação de Leitura, ministrada pela professora Cristina Paiva. Esta teve a duração de quarenta e cinco horas e nela foi lecionado aos alunos como mediar leitura. Ao final, foi realizada uma visita ao Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), hospital pediátrico universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde os alunos puderam ver como é realizada a mediação de leitura para as crianças portadoras de câncer. Nesta visita, ficou evidente o bem que aquele gesto filantrópico e, porque não dizer caridoso, que os voluntários e bolsistas ofereciam àquelas crianças. Era visível o contentamento delas quando chegava a hora da mediação, momentos que as faziam esquecerem o sofrimento que uma doença tão brutal lhes causava.

A partir desta experiência vivida no IPPMG, surgiu o desejo de conhecer mais sobre tal técnica. A princípio conhecia-se apenas a mediação de leitura, porém, com pesquisas e conversas com profissionais que desenvolviam tais trabalhos foi descobriu-se a biblioterapia, que consiste em auxiliar nos processos de “cura da alma”, como encontrado em alguns textos da área.

Esta arte encantadora existe há muitos anos, a função terapêutica da leitura originada na espiritualidade e religiosidade dos povos antigos, vêm ganhando maior espaço e reconhecimento; sendo utilizada pela Psicologia, Medicina e outras ciências, inclusive a Biblioteconomia, que ainda causa, em muitos, um grande ponto de interrogação, pois ainda desconhecem o potencial desse profissional.

O bibliotecário é um profissional privilegiado por estar ligado a vários ramos do conhecimento, sendo assim, a biblioterapia é mais uma das funções que o bibliotecário pode desempenhar, devido a sua multidisciplinaridade e familiaridade com informação, livros, leitura e contação de histórias.

1.1 OBJETIVOS

São apresentados, a seguir, os objetivos deste trabalho.

1.1.1 Objetivo geral

Apresentar uma revisão de literatura acerca da biblioterapia, abordando a atuação do profissional bibliotecário, e ressaltar seus benefícios, assim como os da leitura.

1.1.2 Objetivos específicos

- Definir biblioterapia por meio de um breve histórico à luz de diversos autores da área de Biblioteconomia, Psicologia, Pedagogia, entre outros;
- Mostrar a aplicação da biblioterapia e a atuação do bibliotecário que faz uso da leitura e do lúdico como subsídios para desenvolver suas tarefas;
- Identificar os benefícios que a biblioterapia exerce sobre os pacientes.
- Demonstrar, por meio da observação não participante e de relatos dos envolvidos, que o projeto Biblioteca Viva em Hospitais alcança os mesmos benefícios esperados pela biblioterapia.

1.2 JUSTIFICATIVA

A biblioterapia é uma atividade de leitura dirigida, acompanhada por uma discussão em grupo, tem como função favorecer a interação entre as pessoas, ajudando-as a expressarem seus sentimentos, angústias e anseios, proporcionando uma troca de experiências e valores (CALDIN, 2001).

O uso dos livros para tratamento ocorreu primeiramente, segundo Seitz (2006), na Idade Média, porém, apenas em meados do século XIX, na América do Norte, surgiu o

primeiro trabalho relacionando à biblioteca e à ação terapêutica. A autora relata que a partir da década de 1930, a biblioterapia firmou-se definitivamente como um campo de pesquisa. A autora segue, ainda, pontuando que a partir das décadas de 1980 e 1990 foram publicados diversos trabalhos sobre o uso da leitura como tratamento para diversos distúrbios psiquiátricos e que no começo de sua utilização a biblioterapia era voltada para hospitais psiquiátricos. Com a evolução da técnica, descobriu-se que a leitura pode ser usada também na profilaxia, na reabilitação, além da terapia propriamente dita.

Apesar de ter sido firmada há muito tempo atrás como um campo de pesquisa, a biblioterapia ainda é uma prática carente de estudos e pouco conhecida no Brasil, ainda assim está em ascensão, devido à implementação de projetos de leitura para enfermos em hospitais, idosos em casas de repouso, presos etc, em sua maioria desenvolvidos por bibliotecários e mediadores de leitura, e, também em função de seu uso terapêutico feito por profissionais de Psicologia.

Embora os projetos de leitura para enfermos, encarcerados, idosos, entre outros não sejam considerados biblioterapia, por não conter o auxílio de psicólogos, acredita-se que os benefícios alcançados por eles são análogos aos esperados pela prática terapêutica. A equipe do projeto Biblioteca Viva desenvolve um trabalho onde a leitura mediada visa o desenvolvimento da saúde psíquica das crianças e de adolescentes em situação de internação hospitalar.

Em suma, este trabalho buscou fazer um levantamento teórico da biblioterapia, das metodologias de aplicação desta técnica e dos benefícios alcançados por seus pacientes, visando estabelecer que projetos como o Biblioteca Viva em Hospitais alcançam benefícios biblioterapêuticos, além de contribuir para o avanço da literatura na área e incluir e destacar a participação do profissional bibliotecário na mesma, sendo mais um dos possíveis campos de trabalho para o mesmo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compor este trabalho foram utilizadas publicações em línguas portuguesa e estrangeira, que abordam a leitura, a biblioterapia e os seus benefícios, bem como focalizam a atuação do profissional bibliotecário na área.

2.1 LEITURA

Em seu sentido mais restrito, leitura consiste em extrair e atribuir significado ao texto. Segundo o dicionário Ferreira (2001, p. 422) leitura é a "operação de percorrer, em meio físico, sequências de marcas codificadas que representam informações registradas, e convertê-las à forma anterior (como imagens, sons, dados para processamento)".

Segundo Hillesheim e outros (2011 p. 307)

[...] a etimologia da palavra ler – do latim *legere* – tem vários níveis de significados: contar/enumerar as letras; colher; roubar. O primeiro nível de significado – contar/enumerar as letras – corresponde ao primeiro ato da leitura: soletrar, repetir fonemas, agrupar sílabas, palavras e frases. O segundo nível – colher – refere à noção de algo já pronto, na qual existe um sentido predeterminado: a tarefa do leitor é compreender o sentido do texto dado pelo autor. Por fim, o último nível – roubar – implica subversão, clandestinidade.

Leffa (1996) aponta que a leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Foucambert (1994, p. 21), por sua vez diz que “a leitura é a atribuição de um significado ao texto escrito: 20% de informações visuais, provenientes do texto; 80% de informações que provêm do leitor; o resto é informação sonora...”

A leitura, em sua subjetividade, deixa de ser apenas decodificação de signos, somam-se a ela elementos não informativos, que têm a propriedade de proporcionar prazer, do qual se estabelece um laço entre leitor e texto Zumthor (2007).

Como visto anteriormente, o ato de ler para curar não é recente; na Idade Média, segundo Caldin (2001), os textos sagrados eram lidos aos pacientes durante intervenções cirúrgicas, visando aliviar o sofrimento dos mesmos.

Em seu trabalho Deberti Martins (2011) ressalta que é atribuído à leitura um valor terapêutico, pois ela “é geradora de múltiplos vínculos: do leitor com o escritor, do que lê com o ouvinte e com outras pessoas que tenham lido”¹. Neste sentido, ela pode configurar-se como uma espécie de terapia, na qual o terapeuta é o objeto lido, como cita Caldin (2001).

Todavia, neste trabalho será focalizado o tema da leitura em seu significado mais amplo, como um processo de representação, que envolve o sentido da visão, atribuição de significado, cognição, apropriação e interpretação particular do lido. Sendo assim, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra, indo ao encontro do que é apontado por Hillesheim e outros (2011) como o terceiro nível de leitura, quando o leitor com sua interpretação dá novos sentidos ao texto.

2.1.1 Mediação de leitura

Desde épocas remotas, o ser humano utiliza as narrativas oralizadas como meio de integração entre seus pares e de preservação dos valores, das crenças e do modo de viver (XIDIEH, 1993 apud FRAGOSO, 2007). Com o passar dos tempos, a oralidade foi perdendo força e a escrita, por ser passível de registro, ganhou espaço e consolidou-se após o surgimento da imprensa.

A narrativa também era propagada pela escrita, mas a prática da oralização ainda era muito evidente, expressa nos saraus e nas sessões de leitura oralizada (CHARTIER, 2000; MANGUEL, 1999 apud FRAGOSO, 2007).

Patrini (2005 apud FRAGOSO 2007) observou que por volta dos anos de 1980, no Brasil, a prática de contar histórias² começou a fazer parte do cotidiano das bibliotecas e das escolas; porém, tendo como base as histórias escritas. Este tipo de prática narrativa alcançou sucesso também em outros lugares, não mais somente em escolas.

¹ Tradução nossa.

² Popularizada atualmente como a “Hora do conto”.

De acordo com o autor, esta mudança teve seu início na França no ano de 1968³, com a tomada da palavra, por conseguinte da liberdade, do poder e da livre expressão por parte das camadas populares.

Tempos depois, surge a atividade de mediar leitura, na qual a palavra “mediador” deriva do latim *mediatore*, e significa aquele que medeia ou intervém.

Em suma, de acordo com Barros (2006), mediar leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário, de maneira eficiente e eficaz; consiste na prática da leitura planejada em voz alta para uma segunda pessoa.

2.1.2 Leitura como atividade lúdica

Coelho (1996 apud MENDES, 2008) defende que é encargo do leitor dar sentido à obra que ele lê; outro que partilha da mesma opinião é Sartre (2004 apud MENDES, 2008, p. 30) quando diz que “escrever é apelar ao leitor para que este faça passar à existência objetiva o desvendamento que empreendi por meio da linguagem”.

Deberti Martins (2011, p. 147, tradução nossa) diz que:

A leitura permite nomear, identificar aquelas experiências, sentimentos e fantasias que por si só não eram identificadas. O escritor empresta as palavras para nomear o que sente, desenvolvê-lo e encontrar um alívio e companhia.

Em suma, a leitura utilizada como atividade lúdica vai além da atribuição de significado de Foucault (1994); ela abrange sentimentos, emoções, afinidade, identificação entre outras coisas, como mostra Hillesheim e outros (2011).

Desta forma, a leitura sendo usada como atividade lúdica visa ser prazerosa para quem a faz ou ouve, pois ela é capaz de produzir uma realidade diferente da vida cotidiana (BROUGÈRE, 1998), tornando-se, uma saída para os problemas relativos à mente e, até, ao corpo.

³Ano em que a França passou por uma greve geral que tomou proporções revolucionárias. Fonte: QUATTROCCHI, Angelo; NAIRN, Tom. **O começo do fim**: França, maio de 68. Rio de Janeiro: Record, 1998.

2.2 BIBLIOTERAPIA

De acordo com a literatura da área, as práticas de leitura associadas ao processo de cura remontam à época dos faraós. Desta forma, será feito um estudo bibliográfico visando a discutir o significado de biblioterapia. O termo é resultado da junção das palavras gregas *biblion*, que designa qualquer tipo de material bibliográfico e *therapein*, que quer dizer tratamento, reestabelecimento.

Pereira (1996) relata que as primeiras experiências em biblioterapia foram feitas por médicos norte-americanos de 1802 a 1853, indicando que, uma das melhores receitas para seus pacientes hospitalizados era a leitura de livros selecionados cuidadosamente e adaptados às necessidades individuais.

Ratton (1975) afirma que em 1904, na biblioteca do McLean Hospital, em Massachussets, Estados Unidos da América, foi iniciado um programa que envolvia os aspectos psiquiátricos da leitura. Ainda neste ano, a biblioterapia passa a ser considerada como um ramo da Biblioteconomia, sendo principalmente utilizada nas bibliotecas públicas e hospitalares; isto ocorreu, quando uma bibliotecária tornou-se chefe da biblioteca do hospital de Wanderley, Massachussets, iniciando um programa que envolvia os aspectos psiquiátricos da leitura (SEITZ, 2006).

Doze anos depois, em 1916, Samuel Mechord Grothers cunhou o termo (PEREIRA, 1996); e, em 1940, a Menninger Clinic voltou seus interesses para biblioterapia, a fim de estabelecê-la como ciência.

Em 1941 a biblioterapia foi definida, pela primeira vez, por um dicionário especializado, o Dorlands Illustrated Medical Dictionary, o qual a conceitua como o emprego de livros e a leitura deles no tratamento de doenças nervosas.

Porém, a leitura empregada como recurso terapêutico foi discutida cientificamente apenas em 1949, por Caroline Shrodes, primeira doutora no assunto, em sua tese⁴, que definiu biblioterapia como a prescrição de materiais de leitura que auxiliam o

⁴ Tese cujo título é Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental (tradução nossa), que lançou as bases da biblioterapia atual.

desenvolvimento da maturidade e que nutre e mantém a saúde mental. Após a ratificação das comprovações de Shrodes, a biblioterapia consolidou-se (RIBEIRO, 2006).

Em 1961, o Websters Third International Dictionary, primeiro dicionário não especializado a publicar uma definição, delimitou o termo como o uso de material de leitura, selecionado como coadjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia e, também, guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida (SEITZ, 2006).

Na sequência, surgiram vários conceitos oriundos de pesquisas e estudos sobre o assunto. Orsini (1982 apud CALDIN, 2001) destaca que a biblioterapia pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de doenças e problemas pessoais.

Ouaknin (1996, p. 25) conceitua a biblioterapia como:

[...] primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro, que sublinha que o homem é um ser dotado de uma relação com o livro. Dessa forma, essa relação com o livro – a leitura – permite ao homem compreender o texto e se compreender. O leitor, ao interpretar, passa a fazer parte do texto interpretado. A interpretação é a junção da explicação objetiva do texto e da sua compreensão subjetiva. A interpretação descobre outro mundo, o mundo do texto, com as variações imaginativas que a literatura opera sobre o real. A biblioterapia, portanto, propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação dos textos.

Hannigan, 1932 (apud PEREIRA, 1996, p. 40) afirma que “a biblioterapia é uma refinada aplicação das funções normais do bibliotecário como conselheiro do leitor”. Nos anos de 1980, houve maior investimento na biblioterapia, com relação aos padrões e certificados para biblioterapeutas treinados (PEREIRA, 1996); assim, percebeu-se que questões teóricas passam a ser consideradas.

Seitz (2006 p. 33) conceitua a biblioterapia como

[...] um programa de atividades selecionadas, envolvendo materiais de leitura planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento, devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas.

À luz desta autora pode-se notar a biblioterapia como um programa de atividades de leitura, que faz um elo entre o bibliotecário e o paciente, buscando auxiliá-lo a amenizar seus problemas emocionais e comportamentais.

Shrodes (1943 apud CALDIN, 2001, p. 36) define biblioterapia como “[...] leitura dirigida e discussão em grupo possibilitando a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos, os receios, as angústias e os anseios.”

Baihana (2009, p. 67), por sua vez, demarca a prática

[...] como sendo um dos recursos terapêuticos através da ressignificação da leitura prazerosa de qualquer texto escolhido selecionado ou mesmo indicado que após a leitura, narrativa ou contada venha resultar numa paz de espírito tamanha amenizando as tensões psicossomáticas do sujeito cognitivo, conseqüentemente proporcionando leveza mental.

Apresenta-se, ainda, a descrição de biblioterapia sendo a “seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura, e avaliação dos resultados.” (RATTON, 1975, p.199).

Em seus estudos, Caldin (2001) verificou, com base em estudos de Freud e Aristóteles, que os componentes biblioterapêuticos são: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção. Especificando estes termos, tem-se:

- Catarse - pode ser entendida como a pacificação, a serenidade e o alívio das emoções provocadas pela leitura.
- Humor - percebido em textos que o privilegiem, pois é a expressão de alegria, contentamento.
- Identificação - onde ocorre a assimilação de algum aspecto lido e o indivíduo modifica-se, segundo o modelo que lhe causou afinidade.
- Introjeção - está ligada a identificação, onde o sujeito absorve objetos e qualidades percebidas em seu exterior.
- Projeção – é a transferência de qualidades, sentimentos, desejos que o indivíduo lê, desconhece, ou recusa em si.
- Introspecção - a leitura favorece isto, pois leva o indivíduo à reflexão sobre os seus sentimentos.

Estes elementos fazem com que o paciente passe a ter um olhar diferenciado acerca de seus problemas levando-o a mudanças de comportamento.

Observando todas as definições apresentadas, consegue-se limitar biblioterapia como sendo a prática da leitura conduzida, que visa obter, por parte do receptor, autoentendimento, reflexão e diminuição do estresse emocional.

Esta prática vem ganhando mais espaço ao longo dos anos, sendo aplicada por diferentes profissionais, como psicólogos, enfermeiros e terapeutas, formando assim equipes multidisciplinares, nas quais o bibliotecário é presença acentuada. Apesar da etimologia da palavra biblioterapia expressar que é uma terapia por meio da leitura de livros, os que atuam nessa área fazem uso de outras ferramentas, como jogos, imagens e até músicas (ALVES, 1982).

2.3 BENEFÍCIOS DA BIBLIOTERAPIA E DA LEITURA

A angústia, a depressão e a solidão podem ocorrer devido ao distanciamento criado entre as pessoas pela tecnologia, por algum trauma, tristeza, acontecimento ruim, ou até mesmo por estarem hospitalizadas. Neste sentido, a biblioterapia pode ser indicada como auxiliar no desenvolvimento e na recuperação da saúde mental deste tipo de pacientes, pois permite que o leitor faça comparações de suas próprias emoções com as dos outros (BENEDETTI, 2008). Muitos profissionais de Psicologia fazem uso de textos, que permitem ao leitor fazer ligação com sua própria vida e após as leituras podem até ser feitas discussões em grupo para mostrar-lhes que não estão sozinhos.

Alguns dos objetivos da biblioterapia são mostrados por Bryan (1979 apud Caldin, 2001, p. 33):

[...] permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para seu problema; auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções dos outros; ajudar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas, e, encorajar o leitor a encarar sua situação de forma realista de forma a conduzir à ação.

Louise Rosenblatt (1938 apud FERREIRA, 2003) indicou pela primeira vez os benefícios da biblioterapia, mostrando que o contato prolongado com as personalidades

nos livros pode aumentar a compreensão social; permitir ao sujeito colocar-se no lugar de outra pessoa e sentir suas necessidades, sofrimentos e aspirações; ajudar o paciente na assimilação de padrões culturais, através do reconhecimento das atitudes e expectativas do seu grupo; liberar o sujeito de uma atitude provinciana pela ampliação da consciência quanto à formação adquirida na família e na comunidade.

Como a biblioterapia se utiliza da leitura, alguns benefícios desta ação também são apontados por Ratton (1975, p. 203):

[...] amplitude da visão, pelo conhecimento e comparação de pontos de vista alheios, com os do próprio indivíduo; [...] clareamento dos problemas difíceis de serem formulados e conscientizados pelo próprio indivíduo, que, entretanto os reconhece quando colocados por outros de maneira não agressiva e impessoal; [...] estímulo para criatividade; [...] facilitação da participação da vida comunitária; [...] desenvolvimento da capacidade de crítica.

De acordo com Caldin (2001), a biblioterapia favorece a interação entre as pessoas, pois contempla a leitura de histórias e os comentários adicionais a ela, que variam de depoimentos à interpretação do texto lido. Ainda para a mesma autora “o fundamento filosófico essencial da biblioterapia é a ‘identidade dinâmica’”, que se trata do processo de identificação do leitor/ouvinte - valendo-se do pressuposto de que a liberação da emoção produz uma reação de alívio da tensão e purifica a psique, com valor terapêutico.

Ribeiro (2006, p. 114) salienta que

[...] a prática biblioterapêutica ajuda [...] a superar o medo, a angústia, a tristeza e a ansiedade que acompanham uma doença, contribuindo para a promoção do bem-estar e auxiliando a implementação do tratamento, a prevenção dos males e minimizando os problemas pessoais. Colabora no desenvolvimento emocional e na mudança de comportamento, provocado pela retomada do cuidado com o paciente, de se importar com o outro, de se colocar no lugar do outro.

Vasquez (1989 apud SEITZ, 2006) constatou que a prática da biblioterapia demonstrou resultados satisfatórios, tanto nos hospitais psiquiátricos como em outros tipos de instituição que necessitavam de serviços de biblioteca.

Para Silva (2005), os objetivos da leitura com fins terapêuticos devem:

[...] favorecer a identificação com as personagens; possibilitar a introjeção e a projeção; conduzir ao riso; aliviar as tensões diárias; diminuir o stress; facilitar a socialização; estimular a criatividade; diminuir a timidez; ajudar no usufruto da experiência vicária; criar um universo independente da vida cotidiana; experimentar sentimentos e emoções em segurança; auxiliar a lidar com sentimentos como a raiva ou a frustração; mostrar que os problemas são universais e é preciso aprender a lidar com eles; facilitar a comunicação; auxiliar na adaptação à vida hospitalar, escolar, prisional, etc.; desenvolver a maturidade; manter a saúde mental; conhecer melhor a si mesmo; entender (e tolerar) as reações dos outros; verbalizar e exteriorizar os problemas; afastar a sensação de isolamento; estimular novos interesses; provocar a liberação dos processos inconscientes; clarificar as dificuldades individuais; aumentar a auto-estima.

2.3.1 Aplicações da biblioterapia

A biblioterapia pode ser usada em diversos campos, como o correcional, o da Educação, o da Medicina e da Psiquiatria (ALVES, 1982). Ela vem sendo bastante aproveitada em prisões, hospitais, asilos, com pessoas de diversas faixas etárias, deficientes físicos, doentes crônicos e dependentes químicos, sendo aplicada por bibliotecários acompanhados por psicólogos ou apenas por bibliotecários, caracterizando leitura mediada. O bibliotecário atua na escolha dos materiais adequados no processo de transferência da informação, estando sempre atento e levando em consideração as necessidades específicas de cada paciente, como salienta Ribeiro (2006).

No Brasil, como analogia à prática biblioterapêutica⁵ bastante difundida, ocorre o Projeto Biblioteca Viva, em geral aplicado em hospitais pediátricos, que atende a crianças hospitalizadas e em ambulatórios, com o intuito de amenizar o seu sofrimento. Utiliza-se a estratégia de mediação para efetuar a leitura terapêutica, sendo o mediador um intermediário entre o livro e o ouvinte. Ele aborda a criança em momentos oportunos, mostrando os livros para que elas possam escolher as histórias a serem ouvidas. No caso do Projeto Biblioteca Viva, a mediação de leitura se expressa como uma alternativa lúdica que possibilita aumentar as expectativas e o conhecimento da criança em relação à hospitalização e não excepcionalmente uma terapia.

⁵ Este tipo de projeto não utiliza propriamente a biblioterapia, pois não há a presença de psicólogos na atividade. Desta forma, caracteriza-se como mediação de leitura.

Lucas (2006), Caldin (2001) e Silva (2005) mostram que ao escolher os materiais que serão lidos nos encontros de biblioterapia, devem-se evitar textos moralizantes, didáticos, informativos, pobres em conteúdo, aborrecidos, muito longos e fragmentados. Os materiais utilizados nos encontros biblioterapêuticos devem levar os pacientes à reflexão e auxiliá-los a compreender a realidade.

Ratton (1975) chama atenção para que a ampla seleção do material a ser indicado seja feita por quem não conduzirá a terapia, pois isto demanda tempo para escolha e leitura, mas, o terapeuta deverá ler todo o material que será utilizado visando ao alcance de determinados objetivos.

Com isto, a biblioterapia não deve ser confundida com a psicoterapia, uma vez que a última é o encontro entre paciente e terapeuta e a primeira consiste no encontro entre ouvinte e leitor (CALDIN, 2001).

2.3.2 Atuação do bibliotecário

O bibliotecário é um exímio profissional técnico, tendo que adaptar-se às inúmeras mudanças ambientais e tecnológicas que vem acontecendo ao longo dos anos. Apesar do cunho tecnicista da profissão, ela tem seu lado social, que é representado por segmentos como a mediação de leitura, a biblioterapia, entre outros.

No caso da biblioterapia, Pereira (1996) lista algumas qualidades que o bibliotecário necessita para atuar neste segmento, entre elas: estabilidade emocional, controle de preconceitos, tolerância, objetividade, paciência, alegria, habilidade, poder de observação, flexibilidade e domínio dos próprios sentimentos.

Pinto (2005, p. 40) chama atenção para um aspecto importante em relação ao biblioterapeuta:

É importante ressaltar, no entanto, que somente a leitura, sem um acompanhamento terapêutico, não se traduz em biblioterapia, pois esta atividade é pautada no encontro entre o indivíduo que está enfrentando uma situação específica, que busca encontrar o sentido para a sua vida, e aquele que possibilita alguns recursos para a concretização deste intento, ou seja, o bibliotecário com formação terapêutica, o psicólogo, o psicoterapeuta, o psiquiatra, ou ainda o bibliotecário em uma atividade conjunta com estes profissionais.

Desta forma, o bibliotecário terapeuta é um profissional especializado que atua em diversos âmbitos da sociedade, interagindo em seu ambiente de trabalho com vários profissionais, tais como os psicólogos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais e psiquiatras (RATTON, 1975).

Ainda que a biblioterapia esteja associada a um ramo da Psicologia - a terapia -, ela deve ser compreendida como uma atividade relacionada ao reestabelecimento do ser humano com seus problemas, perturbações e angústias. Desta forma, cabe ao profissional de Biblioteconomia unir a técnica acadêmica a um trabalho de cunho social, voltado para o bem-estar dos pacientes.

3 METODOLOGIA

O trabalho utilizou-se da pesquisa bibliográfica, que segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 166) consiste em “toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”, visando a definição do termo biblioterapia, bem como seu avanço e suas mudanças ao longo do tempo, e, também, a atuação dos profissionais bibliotecários nesta prática.

Ainda segundo as autoras, a finalidade deste tipo de pesquisa é deixar o pesquisador em contato com tudo que foi disponibilizado acerca de determinado tema.

Para está análise, foram estudados vários trabalhos, destacando-se os de Alves (1982), Pinto (2005), Seitz (2006) e Silva (2005), além de outros autores que trataram do mesmo tema e ressaltaram a atuação do profissional bibliotecário na biblioterapia e os benefícios alcançados pela leitura.

Foi utilizada, ainda, a pesquisa de campo, que tem o objetivo de agrupar informações em torno de um problema ou hipótese, para os quais se procura uma resposta ou comprovação. Esta pesquisa consiste na observação dos fatos tais quais ocorrem espontaneamente. Foi usada a ferramenta qualitativa de coleta de dados denominada observação não participante, que se realizou no projeto Biblioteca Viva em Hospitais, aplicado no Hospital de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, na cidade do Rio de Janeiro, onde o pesquisador tomou contato com a comunidade estudada, porém permanecendo à margem (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Com isto, a observação não participante contribuiu para a percepção da atuação do profissional de Biblioteconomia nesta tarefa, além de apoiar na verificação dos benefícios alcançados pelos pacientes submetidos à mediação de leitura.

No tocante às ferramentas utilizadas, elas permitiram esclarecer de que forma a biblioterapia pode ser aplicada, como atuam seus responsáveis, como ocorre a participação dos bibliotecários, e ajudaram na identificação dos benefícios biblioterapêuticos alcançados pela leitura.

4 PROJETO BIBLIOTECA VIVA DO HOSPITAL DE PUERICULTURA E PEDIATRIA MARTAGÃO GESTEIRA

O projeto foi implantado no IPPMG no ano de 2001 e perdura até hoje; a equipe é composta por um bibliotecário e sete bolsistas, alunos de diversos cursos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), incluindo o Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG), além de voluntários.

São desenvolvidas as atividades de mediação de leitura individual, principalmente nos leitos, ou em grupo nas enfermarias, emergência, quimioterapia, e ambulatório de especialidades, de segunda a sexta-feira em horários alternados.

O acervo utilizado na mediação é composto por livros de literatura infanto-juvenil para variada faixa etária, que são higienizados após o uso com álcool 70°.

O objetivo do projeto, em suma, é auxiliar na melhora da aceitabilidade à doença por parte das crianças e adolescentes internados por longos períodos, gerar situações que diminuam o estresse causado pelo ambiente hospitalar e promover um espaço de vitalidade, de preservação e de desenvolvimento da saúde psíquica das crianças e de adolescentes em situação de internação hospitalar ou atendimento ambulatorial (INSTITUTO DE PUERICULTURA E PEDIATRIA MARTAGÃO GESTEIRA (IPPMG/UFRJ) [2013]).

Os mediadores são divididos por setor, onde realizam mediação individual, que é praticada nos leitos para as crianças internadas e que não podem transitar pelas dependências do hospital, inclusive as do Centro de Terapia Intensiva (CTI); e mediação em grupo, desempenhada, em geral, na emergência, pois a concentração de crianças é maior e há um tempo de espera para atendimento, que é preenchido pela leitura de alguns livros por mediadores, tornando a espera prazerosa.

A observação não participante no projeto Biblioteca Viva no IPPMG consistiu em visitas e conversas informais com alguns atores envolvidos no projeto, incluindo as crianças e adolescentes, seus acompanhantes, os mediadores e os coordenadores.

No momento em que o mediador chega com os livros em mãos, os olhos das crianças refletem a alegria daquele instante; algumas delas até conhecem o mediador por nome, devido o longo período de internação. Conforme a leitura vai fluindo, as crianças vão participando, ora comentando sobre as figuras, ora manifestando sua opinião sobre a história, ora lendo também, às vezes até pedindo para efetuarem as leituras sozinhas. Os acompanhantes, que por muitas vezes são as mães, chegam a participar também, e em alguns momentos fazem o papel de mediadoras, lendo para seus filhos. Os médicos também apoiam o projeto, e em algumas situações pedem auxílio aos mediadores para distrair as crianças antes do atendimento ou de aplicar medicações.

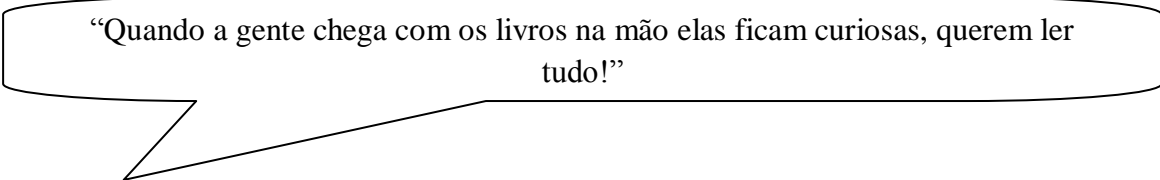
Durante a observação não participante, conversou-se despretensiosamente com alguns dos atores do projeto: os acompanhantes, os mediadores, os beneficiados pela mediação e a coordenadora do Projeto Biblioteca Viva no IPPMG. Esta conversa originou alguns relatos que serão apresentados a seguir; eles tornam evidente o contentamento e a melhora psíquica das crianças e adolescentes que recebem a visita dos mediadores, principalmente as que estão internadas por um longo período, pois, devido à falta de liberdade de locomoção a distração é restrita, logo os livros são vistos como refúgio e até mesmo fuga da situação e do local onde estão.

5 RESULTADOS

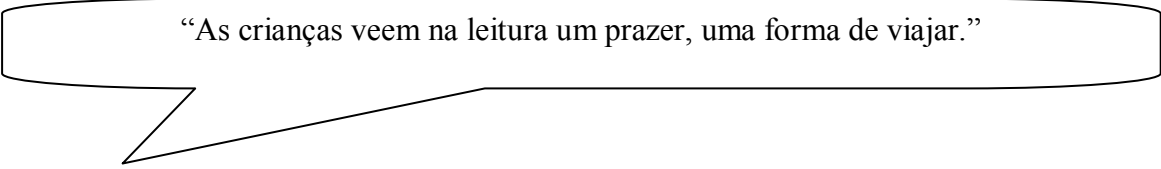
Como resultados desta observação não participante, foram selecionados alguns comentários de atores envolvidos no projeto de mediação de leitura, realizado no IPPMG.

Estes relatos serviram para apoiar a verificação do alcance dos objetivos desse trabalho, principalmente com a finalidade de perceber os benefícios das atividades de biblioterapia e de mediação de leitura.

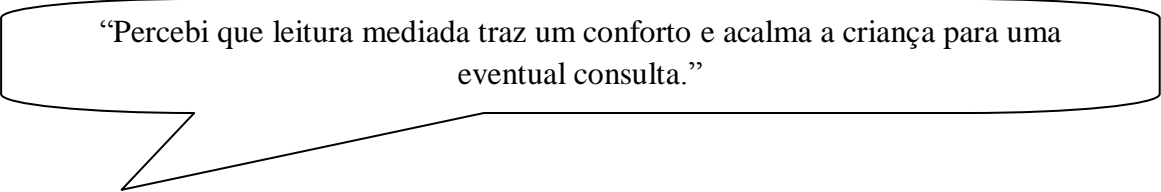
Mediador 1



“Quando a gente chega com os livros na mão elas ficam curiosas, querem ler tudo!”

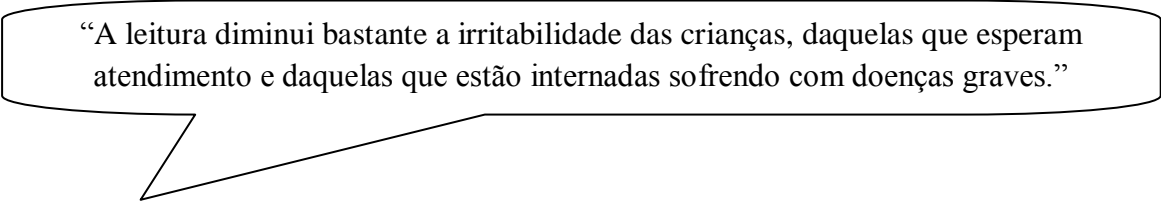


“As crianças veem na leitura um prazer, uma forma de viajar.”



“Percebi que leitura mediada traz um conforto e acalma a criança para uma eventual consulta.”

Mediador 2



“A leitura diminui bastante a irritabilidade das crianças, daquelas que esperam atendimento e daquelas que estão internadas sofrendo com doenças graves.”

“Nós que estamos aqui há mais tempo notamos melhoria no quadro clínico e psíquico de determinadas crianças atendidas pelo projeto, principalmente aquelas que ficam internadas por muito tempo .”

Mediador 3 - Estagiário que mediou leitura durante um ano no projeto

“É impressionante como aquele tempo que ficávamos com as crianças, que às vezes era até curto, melhorava o dia e até mesmo a estadia delas no hospital.“

“No período que participei do projeto várias mães chegaram a me abordar, após a mediação, para dizer como aquele momento era bom para seus filhos.
Gratificante!”

Criança 1

“Acho legal! Gosto de ouvir as histórias....faz esquecer que tô doente....”

“Com as leituras me sinto mais alegre.”

Criança 2

”Ah, gosto, porque quando escuto as histórias fico imaginando...”

Acompanhante 1

“Acho que as crianças internadas por mais tempo são as que mais se beneficiam da mediação, por que em alguns dos casos elas nem podem sair dos leitos, isso causa tristeza, né? Criança gosta de brincar, correr e aqui ela não pode fazer essas coisas, então quando o moço chega pra ler é uma alegria!”

Acompanhante 2

“Além de fazer bem psicologicamente, o projeto desenvolveu o hábito da leitura no meu filho.”

“Quando chegamos aqui meu filho ficou triste, abalado por causa da doença e nos momentos em que o rapaz lia para ele eu via que ele reagia bem, ficava mais animado, queria ler junto, comentava sobre os desenhos. Acho que se não tivesse isso, talvez meu filho não tivesse enfrentado tão bem essa doença.”

Bibliotecária - Coordenadora do projeto

“Mediar leitura em unidade hospitalar pediátrica me possibilitou um momento singular. Percebo uma mudança no estado emocional desse pequeno leitor, contribuindo assim para que sua imaginação seja estimulada, que ele possa refletir e elaborar situações de conflitos, como medo em relação à doença.”

“Para a dor não existe apenas tratamento químico. Existe o amor, o afeto, o diálogo e a interação, que podem ser dados através de um momento de leitura de uma história. A narrativa infantil coaduna com a beleza literária das obras infanto-juvenis, e dessa forma parecem penetrar na alma e no corpo das crianças.”

”Ações como essa na minha opinião são fundamentais para formamos, futuramente, cidadãos críticos pensantes e ativos em uma sociedade.”

Além dos relatos, foi possível testemunhar um dos médicos solicitando a visita dos mediadores a uma determinada criança, demonstrando que a equipe médica reconhece quão benéfica é a mediação de leitura e utiliza-se dela.

Por meio destes relatos, fica clara a importância do projeto Biblioteca Viva; ele proporciona bem-estar mental e distração para crianças e adolescentes em situações de extremo estresse emocional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura como terapia é coadjuvante no processo de cura, traz benefícios para a saúde psicológica, é aliada na recuperação dos enfermos, nos momentos de estresse, angústia e solidão, caracterizando-se, também, como atividade de lazer, contribuindo até mesmo para a saúde física. Desta forma, destaca-se a importância da seleção adequada desses materiais, atentando-se a sua correspondência com o caso em foco.

A biblioterapia torna-se um importante instrumento de transformação social na medida em que alcança o indivíduo fragilizado, proporcionando a ele uma interação com a sociedade e aliviando suas dores, angústias e sofrimentos.

O bibliotecário como terapeuta, por sua vez, amplia seu campo de trabalho, sem deixar suas raízes, tendo em vista que na biblioterapia ele também relaciona cada leitor ao seu livro e cada livro ao seu leitor⁶, seguindo os preceitos do bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, que postulou – no final da década de 1920 – as Cinco Leis da Biblioteconomia. Com isto percebe-se a função social e terapêutica da leitura, onde o bibliotecário atua como agente dessa ação.

Diante da impossibilidade de entrevistar psicólogos, que atuam no ramo específico da biblioterapia, este trabalho apresentou como laboratório a prática de mediação de leitura em hospitais, para tentar aproximar os resultados aos objetivos propostos.

Por serem pessoas bastante ativas, crianças e adolescentes, quando têm sua liberdade privada, por conta de uma doença ou internação hospitalar, podem sentir bastante incômodo. Então, a mediação da leitura ou a leitura individual, subsidiam o ânimo e até a coragem para suportar períodos de maior dificuldade, de internação, de tristeza, abalo emocional, superando muitas vezes, a agressividade do tratamento das doenças.

Foi possível notar benefícios biblioterapêuticos no projeto Biblioteca Viva aplicado no IPPMG, uma vez que os depoimentos relatam que a leitura mediada reduz o nível de estresse, ansiedade e até mesmo as preocupações das crianças e adolescentes internados,

⁶ Segunda e terceira lei da Biblioteconomia, de autoria de S. R. Ranganathan.

passando por tratamento ou apenas consultas, e, em alguns casos estes benefícios se estendem aos seus acompanhantes e familiares.

Notou-se, também, que devido à mediação de leitura os pacientes conseguem compartilhar suas emoções, dúvidas e angústias, bem como vivenciar momentos de alegria, em grupo ou individual. De acordo com os autores citados e com os relatos das experiências expostas, pode-se afirmar que a biblioterapia, e, por sua vez, a mediação de leitura, aliviam as tensões, angústias e medos, desenvolvem a imaginação e ajudam no crescimento emocional e psicológico dos pacientes.

Contudo, deve-se atentar à seguinte questão: ainda que a mediação de leitura, no caso do projeto em questão, alcance objetivos biblioterapêuticos, isto não exclui a necessidade de atendimento psicológico e psicanalítico, além de terapias.

Sugere-se, então, que outros estudos sejam realizados, na busca de experiências concretas de biblioterapia, para ajudar a compor um quadro mais real dos benefícios alcançados com a prática dessa atividade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, n. 15, v.1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.

BAIHANA, Neiva Dulce Suzart Alves. A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n. 1, p. 65-79, jul./dez., 2009. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/419/282>> Acesso em: 15 dez. 2012.

BARROS, Maria Helena T. C. de. A mediação de leitura na biblioteca. In: _____ **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006. p.17-22.

BENEDETTI, Luciane Berto. **Biblioterapia para pacientes adultos internados em uma unidade hospitalar**: uma proposta de humanização. 2008. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Porto Alegre, 2008.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, v.24, n.2. São Paulo, jul./dez., 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000200007&script=sci_arttext&tlng=e!n#7not>. Acesso em: 15 dez. 2012.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.12, p. 32-44, 2001.

_____. **Leitura e terapia**. Florianópolis, 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92575/263775.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 out. 2012.

DEBERTI MARTINS, Cristina. Leer: un derechotambién en el hospital. **Información, Cultura e Sociedad**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n.25, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-7402011000200008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI escolar**: o mini dicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em:<<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1809/1651>>. Acesso em: 25 maio 2012.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
FRAGOSO, Keila da Silva. **Corpo e voz, livro e escrita nas práticas de leitura da biblioteca livro em roda**. 2007. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

HILLESHEIM, Betina et al. Leitura: entre leitor e texto. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 305-316, maio/ago. 2011.

INSTITUTO DE PUERICULTURA E PEDIATRIA MARTAGÃO GESTEIRA (IPPMG/UFRJ). Rio de Janeiro, [2013]. Disponível em: <<http://ippmg.org.br/humanizacao-no-ippmg/projeto-biblioteca-viva-em-hospitais/>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1996.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patricia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11 n.3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n3/a08v11n3.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENDES, Josué de Souza. **Formação do leitor de literatura**: do hábito da leitura à cultura literária. 2008. 223f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília. Disponível em: http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1276/1/TESE_2008_JosueSousaMendes.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transiformação**, Campinas, n. 17, jan./abr. 2005.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.4, n.2. p.198-214, set.1975.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas v.3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 155-170, jan./jul., 2006.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil.** 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.